

## **REFERENCIAÇÃO INTERTEXTUAL: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO EM NARRATIVAS COM EPISÓDIOS**

**Valdinar Custódio Filho<sup>1</sup>**

valdinarcustodio@gmail.com

**RESUMO:** Como área teórica que pretende fornecer explicações a respeito da produção e compreensão de textos pelos sujeitos, a Linguística Textual tem mantido o “hábito” de, a partir de um conjunto específico e limitado de situações de interação, estabelecer consensos que valeriam para toda e qualquer interação. Quando se trata de investigações sobre estratégias textual-discursivas, os gêneros normalmente analisados consistem em textos curtos (notícias, crônicas, artigos de opinião etc.), os quais permitem uma experiência ininterrupta de leitura/escuta. As assunções que derivam de tais experiências seriam generalizadas para outras situações. Ocorre que, se decidirmos investigar situações de interação diferentes das usuais, será possível encontrarmos outras manifestações textual-discursivas, ainda não investigadas pelos estudos mais convencionais. Com isso em mente, discutimos, neste trabalho, a influência da configuração de textos narrativos que apresentam uma experiência de leitura/escuta interrompida na manifestação de estratégias de referenciação ainda não devidamente descritas. Destacamos a emergência de uma referenciação intertextual (ou seja, uma relação anafórica entre textos distintos) como elemento constitutivo de tais práticas. Para tanto, apresentamos a descrição da construção da referência em episódios de uma série de TV e em volumes de uma série literária. Com este trabalho, além da contribuição para os estudos da referenciação, pretendemos também discutir as classificações sobre estratégias e recursos de intertextualidade vigentes na atualidade, a fim de destacar uma função intertextual (a natureza eminentemente anafórica de um processo intertextual) pouco discutida nas reflexões da área.

**Palavras-chave:** Referenciação; Anáfora; Intertextualidade.

### **INTRODUÇÃO**

Boa parte dos estudos em Linguística Textual (doravante LT) se alimenta das investigações sobre as estratégias textual-discursivas (por exemplo, referenciação, tópico discursivo, intertextualidade em sentido estrito, construção da argumentação). Para investigar tais temáticas, normalmente, escolhem-se textos os quais permitem (ou, talvez, foram concebidos para) uma experiência de leitura/escuta na qual o

---

<sup>1</sup> Professor adjunto A da Universidade Federal do Ceará (UFC).

contato com o exemplar se inicia e se encerra sem que haja interrupção. Atendem a essa “exigência” textos pertencentes a gêneros como a notícia, a crônica, o artigo de opinião, o anúncio publicitário etc.

O que se observa, na literatura da área, é que as assunções decorrentes da interação por meio desse tipo de texto são generalizadas para outras situações. A comunidade acadêmica erigida em torno da LT tem aceitado que os postulados sobre o que os sujeitos fazem ao participarem da construção e compreensão de sentidos, nas diversas esferas sociocognitivo-discursivas, são aqueles que se observam na interação com textos que podemos chamar de “curtos”. As estratégias textual-discursivas são explicadas, portanto, à luz dessa condição, que, a nosso ver, carrega limitações.

A fim de tentar contribuir para que essas limitações sejam minimizadas, colocamos a seguinte hipótese geral de trabalho: quando se investigam situações de interação diferentes das habitualmente analisadas, será possível encontrar outras possibilidades de manifestação das estratégias textual-discursivas, ainda não devidamente abordadas pelas pesquisas “usuais”. Neste artigo, partimos dessa ideia para propor uma discussão sobre a influência da configuração de narrativas que apresentam uma experiência de leitura/escuta interrompida na instanciação de uma estratégia de construção da referência ainda não amplamente descrita: a anáfora intertextual.

Essa estratégia tem sua especificidade garantida pela natureza do tipo de texto investigado e da situação de interação. Abordamos esse processo a partir da análise de episódios de uma série de televisão e de volumes de uma série literária. Trata-se de situações que, conforme foram concebidas no que toca ao processo de recepção pelo interlocutor, demandam a interrupção (mais ou menos prolongada) no acompanhamento da história.

O trabalho está organizado em quatro seções, seguidas das considerações finais. Na primeira, advogamos em favor da necessidade de as investigações em LT considerarem, de fato, situações de interação diversificadas; falamos, mais especificamente, das interações nas quais o contato do interlocutor com os textos demanda uma interrupção. Na segunda, focalizamos o fenômeno da referenciação; discutimos, particularmente, a ocorrência de uma estratégia referencial “insólita”, apresentada inicialmente em Costa (2007). Na terceira seção, apresentamos nossa análise (a qual parte das constatações de Costa) para solidificar o estatuto do que

sugerimos nomear como *referenciação intertextual*. A quarta sessão promove uma discussão sobre uma possível sobreposição ou “redundância” entre a referenciação intertextual e a intertextualidade por referência, categoria que figura nas propostas classificatórias dos processos intertextuais; sobre isso, defendemos que o procedimento anafórico intertextual é, de fato, um procedimento singular em relação ao que se vê tanto nos estudos sobre referenciação quanto nos estudos sobre intertextualidade.

### **1. A OPERACIONALIZAÇÃO DAS ANÁLISES EM LINGUÍSTICA TEXTUAL: EM FAVOR DA DIVERSIFICAÇÃO DAS SITUAÇÕES DE INTERAÇÃO ANALISÁVEIS**

Hanks (2008: 120-121), ao discutir questões atinentes ao texto e à textualidade, diz que esses conceitos podem englobar substratos um tanto diversos a depender do alcance que se queira dar. O autor menciona algumas instâncias que podem ser consideradas<sup>2</sup>:

- co-texto: “o fragmento discursivo que está associado a uma porção textual num dado texto”;
- meta-texto: “qualquer discurso que descreva, estruture ou se refira à interpretação do texto”;
- con-texto: “ambiente mais amplo (linguístico, social, psicológico) ao qual o texto responde e sobre o qual ele opera”;
- pré-texto: “tudo o que prepara o terreno para o texto ou justifica sua produção ou interpretação”;
- sub-texto: “todos os conhecimentos ou temas que formam o pano de fundo ou as dimensões tácitas de um texto, inferíveis mas não explicitamente afirmadas”;
- pós-texto: “A miríade de resultados e de consequências da produção, distribuição ou recepção de um texto, se pretendidos e previstos ou não”.

Esse levantamento mostra, conforme Hanks (2008: 121), que “O matiz semântico preciso e a extensão do termo ‘texto’ mudam, dependendo de quais partes desta variedade de conceitos se escolhe compreender”. Isso é importante para termos uma ideia da flutuação terminológica em torno do estatuto do texto. Embora as

---

<sup>2</sup> Os hifens das expressões listadas fazem parte do original.

definições atuais reiterem como característica principal a coocorrência de múltiplos fatores (culturais, cognitivos, pragmáticos e discursivos) na tessitura textual, as diferenças na formulação das definições podem levar a conceitos distintos de texto no que toca ao alcance e ao limite do objeto.

Confrontemos duas definições correntes. Os especialistas em LT estão acostumados à definição de texto como um evento, conforme se vê em Beaugrande (1997)<sup>3</sup>; já em muitos trabalhos de Koch (por exemplo, 2004), é recorrente a metáfora de que “o texto é a ponta do iceberg”. Pensamos que não se está falando, num e noutro caso, da mesma coisa. Enquanto a primeira definição parece englobar todas as instâncias mencionadas por Hanks, a segunda parece nos dizer que a ponta (o texto) seria o cotexto e talvez o metatexto; as demais instâncias configurariam o resto do iceberg.

Perceba-se que não estamos tratando de duas concepções pertencentes a correntes distintas; ambas bebem da mesma fonte, que propõe a necessidade de se buscar o sentido além da materialidade linguística. A diferença entre elas serve para nos mostrar que a tarefa de limitar o texto (o que é e o que não é, o que faz e o que não faz parte) pode ser mais difícil do que se imagina.

No momento atual das pesquisas em LT, parece-nos que a metáfora do iceberg representa a visão dominante no que diz respeito a determinar o objeto texto que serve de análise. Em outras palavras, o que os analistas consideram efetivamente como texto é uma unidade material perceptível (uma ponta) e finita, a qual, para ser compreendida/explicada, é relacionada a outras instâncias “menos materiais” (o resto do iceberg). Há, portanto, uma unidade de análise perceptível.

Essa concepção permite que os analistas tenham um objeto visível ao qual se reportar, o que se demonstra pelo uso de construções do tipo “O texto sugere que...”, “No texto acima...”, “O texto analisado apresenta...”. Em todos os casos, a identificação é possível porque remete a uma materialidade perceptível. Nesse quadro, algumas “experiências de interação” passíveis de serem consideradas textos, levando-se em conta uma compreensão ampla do objeto, seriam, mais apropriadamente, extrapolações<sup>4</sup>, talvez interessantes, mas pouco afeitas a uma análise sistemática.

---

<sup>3</sup> Ver, também, Costa Val (2001).

<sup>4</sup> Essas extrapolações partem da ideia de que o reconhecimento dos estímulos diversos que chegam a nossos órgãos sensoriais nos chama constantemente à atividade de interpretar para produzir sentidos. Nessa acepção bem ampla, “tudo” seria texto. A interpretação que o jogador de vôlei faz sobre os

Importa destacar, aqui, que, mesmo dentro do paradigma razoável e aparentemente mais confortável do reconhecimento do texto em termos de limites da sua materialidade, há um problema a se enfrentar: a consideração da extensão/tamanho dessa materialidade e das diferentes possibilidades de contato com ela. Os usos parecem mostrar que, em algumas práticas, a análise da materialidade cotextual, mesmo que relacionada às outras instâncias submersas do iceberg, não é suficiente para explicar alguns fenômenos.

Temos, então, uma relativa contradição entre os pressupostos assumidos e as análises investigadas em LT. De um lado, os pesquisadores afirmam que elegem como objeto de estudo o texto em interação e se comprometem a explicar as diferentes situações de interação pela linguagem; de outro, as análises se limitam, em sua esmagadora maioria, às situações de interação com um grupo bastante específico de textos no que concerne ao tamanho e ao tipo de contato. Não há, em princípio, problema algum em fazer esse recorte. O problema é propor que as explicações geradas a partir do recorte seriam características da interação como um todo, e qualquer estudioso familiarizado com as pesquisas em LT sabe que essa prática é a dominante.

Pensamos ser útil, para refletir sobre diferentes possibilidades de análise, estabelecer uma distinção (simplificada, mas útil aos propósitos de nosso trabalho) entre quatro tipos de interação<sup>5</sup>, relacionados à extensão dos textos e à forma de contato com eles. Vamos a eles.

#### *Tipo 1 – Interação ininterrupta com textos curtos*

Esse grupo engloba as interações que se estabelecem pelo contato com textos cuja leitura/escuta acontece sem interrupção. Poder-se-iam incluir aqui as interações feitas a partir de notícias, crônicas, artigos de opinião, receitas, piadas, dentre outros.

#### *Tipo 2 – Interação ininterrupta com textos longos*

As situações incluídas nessa categoria dizem respeito às interações que ocorrem de forma ininterrupta (ou seja, sem que haja uma interrupção da

---

movimentos da equipe adversária na hora do saque (chamada pelo locutor televisivo de “leitura do jogo”); o conjunto de gestos que fazem parte da “conversa” entre o limpador de parabrisas e o motorista quando o carro para no semáforo; os movimentos e tudo o mais envolvido no ato sexual; a equação matemática... Tudo poderia ser considerado texto, porque nos chama a participar ativamente de uma interação para a qual devemos dar sentido(s).

<sup>5</sup> Salientamos que não há discretização absoluta entre os quatro tipos, que podem ser compreendidos como pontos razoavelmente nucleares de um contínuo.

leitura/escuta para retomada posterior), com textos que estamos chamando de longos: os filmes, os contos, as reportagens, as aulas, os artigos acadêmicos, entre outros. Nesse caso, teríamos textos os quais, por serem mais longos que os do tipo anterior, podem demandar outros expedientes de produção e compreensão<sup>6</sup>.

### *Tipo 3 – Interação interrompida com textos longos*

Essa categoria inclui as interações efetivadas com textos que demandam uma leitura/escuta “interrompida”: por conta da natureza própria do gênero<sup>7</sup>, é necessário fazer pausas no contato para posterior retomada. Aqui, também, temos os textos longos, mas, nesse caso, ainda mais longos que os anteriormente citados, daí a necessidade de se estabelecerem as interrupções no contato. Incluímos no rol de textos dessa categoria os romances, as dissertações, as teses e os livros acadêmicos, por exemplo.

### *Tipo 4 – Interação interrompida com um conjunto de textos “solidários”*

Esse subtipo dá conta das situações de interação nas quais os interlocutores entram em contato com um conjunto de textos essencialmente dependentes uns dos outros, como os episódios de uma série de TV, as edições de uma série em quadrinhos ou os volumes de uma obra literária. Nesses casos, ainda mais que nos romances e textos monográficos, a interrupção do contato é constitutiva.

Explicitar a distinção entre os tipos de interação permite que reconheçamos o quanto a LT precisa avançar no que tange à diversificação do material de análise, uma vez que os estudos se concentram no tipo 1. Pretendemos, neste trabalho, focalizar o tipo 4, tratando de uma estratégia de referência que ocorre nessa esfera – a

---

<sup>6</sup> Em Custódio Filho (2011), propomos uma reflexão sobre a “influência” da materialidade linguística como dependente do tamanho dos textos e do tipo de interação. Pensamos que, enquanto nos textos curtos a recorrência às estruturas mais “miúdas”, mais específicas, é importante para a construção dos sentidos, em textos longos, o mesmo procedimento pode não ter tanta validade; nesses casos, pela necessidade de “economia” cognitiva, provavelmente o interlocutor trabalha com porções mais globais, que “resumiriam” o conteúdo completo em fatias mais relevantes.

<sup>7</sup> A configuração genérica é, de fato, o principal critério escolhido por nós para definir as interações interrompidas. Estamos cientes de que, a rigor, qualquer interação pode ser interrompida: a leitura de uma notícia pode ser interrompida porque o sujeito perdeu o interesse; um aluno pode sair de uma sala de aula e interromper a interação que vinha acontecendo; alguém pode parar de assistir a um filme ou de ler um conto porque precisou fazer algo mais urgente. Não é esse tipo de interrupção, contudo, de que estamos falando. Com esse conceito, procuramos tratar das situações de interação as quais, devido à própria configuração do texto (dependente do gênero a que pertence), demandam um contato espaçado.

anáfora intertextual. Antes, porém, é preciso argumentar em favor da necessidade de particularizar esse tipo de interação.

A discussão gira em torno da seguinte pergunta: por que criar, em uma classificação, uma categoria erigida por um paradigma diferente do utilizado para as demais categorias? Nos outros três tipos, o critério de divisão incide sobre a extensão do texto e, conseqüentemente, sobre a necessidade de o contato ser ou não interrompido. No quarto tipo, está-se falando não mais de um único texto, mas sim de um conjunto de textos. A rigor, cada um dos textos do conjunto poderia ser considerado em sua totalidade, o que permitiria incluí-los no tipo 2 (cada episódio de uma série de TV ou cada edição de uma série em quadrinhos) ou no tipo 3 (cada volume de uma série literária).

Por que, então, é necessário criar uma categoria “estranha” às demais? Por que a LT precisa tratar desse nível de interação que leva em conta a relação entre textos? Por que seria importante investigar, por exemplo, a construção da referência nos sete volumes da saga literária *Harry Potter*? Por que não se limitar à investigação do mesmo fenômeno apenas no volume 3 (*Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*) ou no volume 5 (*Harry Potter e a Ordem da Fênix*)? Em que a análise do conjunto (e não dos seus elementos) pode contribuir para as reflexões na área?

Como resposta que justifique nosso interesse, defendemos que a interação que se efetiva por meio do contato com obras narrativas seriadas promove uma “solidariedade” tão intrínseca entre os textos do conjunto que é possível considerar o próprio conjunto como uma unidade significativa, uma espécie de “*megatexto*”, a qual estabelece processos específicos de significação. Isso quer dizer que uma substancial parte das interações relacionadas à esfera do entretenimento são vivenciadas de forma tal que a noção de texto como *uma materialidade razoavelmente bem delimitada, cuja construção de sentido se explica nas relações entre tal materialidade e o contexto por ela engendrado*, se não é propriamente posta em xeque, talvez não seja suficiente para explicar as muitas possibilidades de efetivação de estratégias de construção dos sentidos.

Pensemos, a título de ilustração, em uma série de TV. *Guerra dos tronos*<sup>8</sup>, por exemplo, consiste na apresentação anual de dez episódios. O acompanhamento, digamos, do quarto episódio da terceira temporada demanda que o telespectador

---

<sup>8</sup> *Game of thrones* é uma série de TV exibida desde 2011 pelo canal HBO, baseada na saga literária *As crônicas de gelo e fogo*, de George R. R. Martin, e desenvolvida para a televisão por David Benioff e D. B. Weiss.

tenha em mente o que aconteceu em episódios anteriores, inclusive aqueles que tenham sido exibidos na primeira e na segunda temporadas, de um ou dois anos anteriores. Temos, então, que, para além da compreensão do episódio em si – o qual se configura como um texto completo, uma unidade com limites reconhecíveis de início e de final –, é preciso perceber o conjunto de episódios também como uma unidade (ainda que de outra ordem), a qual, por sua natureza, demanda expedientes específicos de construção da coerência.

Com o intuito de analisar as especificidades da construção de sentidos nessa esfera, elegemos o fenômeno da referenciação, sobre o qual tratamos na próxima seção.

## **2. AVANÇOS DA PROPOSTA TEÓRICA DA REFERENCIAÇÃO: FOCALIZANDO A REMISSÃO REFERENCIAL ENTRE (CO)TEXTOS DISTINTOS**

Em Custódio Filho (2011), sustentamos que as investigações sobre a referenciação, no Brasil, podem ser entendidas a partir de estudos que revelam consensos e avanços. Os estudos ancorados nos consensos (que podem ser considerados a maioria) têm como característica reafirmar as ideias iniciais de Mondada e Dubois (2003) para propor descrições sobre a natureza sociocognitivo-discursiva do sintagma nominal. Os estudos que apresentam avanços<sup>9</sup> procuram tratar o fenômeno da referenciação como não necessariamente atrelado à prevalência do sintagma nominal, do que surge a tentativa de propor explicações mais abrangentes para as complexas relações entre as muitas dimensões da configuração textual.

Dentre as muitas contribuições que os avanços têm trazido, destacamos, aqui, a possibilidade de as remissões referenciais se manifestarem por meio de porções verbais presentes em (co)textos distintos. Partimos, para isso, do trabalho de Costa (2007), o qual incide sobre a estratégia referencial de encapsulamento.

Conforme Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014: 78), o encapsulamento (ou rotulação) apresenta como principal característica “resumir porções contextuais, isto é, o conteúdo de parte do cotexto somado a outros dados de conhecimentos compartilhados”. Essa ação de resumir se dá por meio da explicitação do conteúdo

---

<sup>9</sup> Exemplos de trabalhos que apresentam esses avanços são os de Cavalcante (2011), Custódio Filho (2012), Custódio Filho e Silva (2013), Brito (2010), Lima (2009), Costa (2007), Leite (2007), Silva (2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

encapsulado na forma de uma expressão referencial. Isso quer dizer que uma porção do texto passa a ser um objeto de discurso<sup>10</sup>. Um exemplo dessa estratégia ocorre em (1):

- (1) Imagine a seguinte cena: na sala de aula, o adolescente levanta o braço para perguntar à professora se ele pode falar “Nós pega o peixe”. Ato contínuo, a mestre pede ao jovem para consultar o livro *Por uma vida melhor* e dar uma olhada na página 16. Sedento por conhecimento, o aluno acompanha com olhos curiosos enquanto a docente lê o trecho proposto. O garoto, enfim, sacia a dúvida: sim, ele pode falar “Nós pega o peixe”. Está escrito ali, claro como a soma de dois mais dois em uma cartilha de matemática. Com nuances diferentes, a situação descrita acima provavelmente vai se repetir em milhares de escolas públicas de todo o país. De autoria da professora Heloísa Campos e outros dois educadores, *Por uma vida melhor* defende a ideia de que erros gramaticais são aceitáveis na língua falada. Para Heloísa, frases como “Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado” (tal pérola aparece em destaque no material) não podem ser condenadas se forem expressas verbalmente. Mesmo que em uma sala de aula.

(Istoé, 20 de maio de 2011. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/138200\\_O+ASSASSINATO+DA+LINGUA+A+PORTUGUESA](http://www.istoe.com.br/reportagens/138200_O+ASSASSINATO+DA+LINGUA+A+PORTUGUESA). Acesso em 25 jun. 2015.)

No exemplo (1), a expressão “a situação descrita acima” é uma anáfora encapsuladora, pois tem como função retomar (e, quando faz isso, estabelece um referente), de forma condensada, um conjunto de informações anteriormente<sup>11</sup> apresentadas, correspondente ao trecho “na sala de aula [...] ‘Nós pega o peixe’”. As análises sobre o fenômeno – e isso vale para a análise das estratégias de retomada de maneira geral (que englobam, além do encapsulamento, a anáfora direta e a anáfora indireta) – reconhecem sua ocorrência como limitada ao domínio de um único cotexto. Isso quer dizer que, em boa parte das investigações, o encapsulamento e as demais estratégias de retomada têm sido analisados como fenômenos de um (e a função de “um” aqui é a de numeral) texto.

Costa (2007) propõe uma nova perspectiva a partir da análise do encapsulamento em uma lista de discussão (a lista da Comunidade Virtual da

---

<sup>10</sup> Utilizamos, neste trabalho, os termos *referente* e *objeto de discurso* como sinônimos, o que deixa clara a nossa vinculação à concepção de *referente* como construção que emerge do texto/discurso e nos afasta da concepção de *referente* como objeto da realidade denotado pela língua.

<sup>11</sup> O encapsulamento não ocorre, necessariamente, como forma referencial que aparece posteriormente ao trecho encapsulado (o que é chamado de encapsulamento anafórico). É possível ocorrer o inverso: primeiro aparece a expressão encapsuladora para depois vir o conteúdo a ser encapsulado (o que é chamado de encapsulamento catafórico). No exemplo (1), ocorre o encapsulamento catafórico com o uso da expressão “A seguinte cena”, no início do texto, que encapsula o mesmo conteúdo da expressão “a cena descrita acima”.

Linguagem – CVL). O objetivo da autora é o de promover uma análise dos processos referenciais a partir dos princípios de acessibilidade<sup>12</sup>. Ela salienta que sua investigação pretende fornecer respostas sobre procedimentos “corriqueiros” e “insólitos”. Corriqueiros porque são “inerentes à comunicação em geral”; insólitos porque, embora “comuns”, ainda não foram devidamente descritos na literatura em vigor.

Vejam alguns exemplos apresentados e discutidos no trabalho de Costa (2007).

(2) From: "T" <t@yahoo.com.br>  
To: <CVL@yahoogroups.com>  
Sent: Tuesday, May 18, 2004 5:49 PM  
Subject: [CVL] cotas para negros, índios

olha, estou gostando do debate. pela primeira vez, vejo as pessoas assumirem suas opiniões sem nenhum medo de serem censuradas. concordo com a colega d quando ela chama atenção para dois pontos importantes [...].

(3) From: "A S" <as@terra.com.br>  
To: <CVL@yahoogroups.com>  
Sent: Tuesday, May 18, 2004 11:01 AM  
Subject: [CVL] Re: o assunto das cotas!!!!!!!!!!!!

Não se poderia dizê-lo melhor!  
A. S.

(4) De: C C  
Para: CVL@yahoogroups.com  
Data: 10/11/2002 22:51  
Assunto: \*CVL\* - E os cursos de graduação em língua estrangeira?

Caros amigos,  
ao ver toda esta preocupação com a formação dos nossos futuros professores de língua portuguesa, refleti um pouco sobre os cursos de graduação em língua estrangeira. Gostaria de saber se há projetos ou estudos que falem da formação destes. Como os alunos estão recebendo diplomas, será que eles estão realmente capacitados para lecionar as quatro habilidades de uma língua estrangeira? Se não estão, como podemos fazer para tentar mudar esta situação? Agradeço pela atenção  
C

Nos três casos, as expressões sublinhadas são anáforas encapsuladoras. Entretanto, o conteúdo encapsulado não se encontra na mesma materialidade textual das anáforas; para reconhecer o que está sendo efetivamente encapsulado, é preciso recorrer às outras mensagens que antecederam as apresentadas em (2), (3) e (4). Em

---

<sup>12</sup> Não entramos em detalhes, aqui, sobre a teoria da acessibilidade proposta por Ariel, modelo escolhido por Costa em suas análises.

(2), por exemplo, a expressão “o debate” retoma todo um conjunto de informações presentes em textos distintos (lembramos que, aqui, estamos falando do texto nos moldes da “ponta do iceberg”) – mensagens anteriores à mensagem apresentada, todas sobre o mesmo tópico (“cotas para negros, índios”).

Costa procura explicar as ocorrências a partir dos critérios que podem determinar o grau de acessibilidade de um determinado referente. Apoiando-se na proposta de Ariel (*apud* COSTA, 2007), a autora diz que tais retomadas são possíveis em virtude de dois aspectos que contam para a configuração da escala de acessibilidade: saliência tópica e frame do gênero lista de discussão (que tem como um dos elementos a expectativa da réplica).

A discussão lançada por Costa (2007) toca na questão dos limites formais do texto. Afinal de contas, é possível saber sempre onde começa e onde termina um texto (e, conseqüentemente, o cotexto)? Para as mensagens da lista de discussão da CVL, Costa (2007: 144) diz haver “certa indefinição no que tange aos limites da materialidade textual”. E essa própria indefinição suscitaria a possibilidade de ocorrências como (2), (3) e (4). Trata-se de uma questão importante, na medida em que os usos demonstram uma estratégia de ocorrência da retomada anafórica que vai além dos moldes estabelecidos pela literatura vigente na área.

Pensamos, então, ser produtivo falar na ocorrência de uma *referenciação intertextual* (encapsuladora ou não), a qual tem por característica promover a continuidade de um referente que se manifesta em (co)textos distintos. Salientamos, ainda, que essa anáfora pode estar presente em outros gêneros do discurso além da lista de discussão e que as motivações para a ocorrência dessa estratégia, em outros gêneros, não são as mesmas apontadas por Costa – saliência do tópico e expectativa de réplica.

Vejamos, então, outras possibilidades de anáfora intertextual, que ocorrem em narrativas com episódios.

### **3. A RETOMADA DE REFERENTES EM NARRATIVAS COM EPISÓDIOS: FOCALIZANDO A “SOLIDARIEDADE” ENTRE OS TEXTOS**

Com o intuito de corroborar a posição de Costa (2007) sobre a necessidade de refletir sobre procedimentos “insólitos e corriqueiros”, propomos a análise de duas narrativas constituídas por episódios. Em cada narrativa, focalizamos a remissão de

referentes que se transformam ao longo da interação com mais de um exemplar da mesma “franquia”. A primeira análise toma como material os episódios 2, 3 e 4 da primeira temporada da série de TV *Lost*<sup>13</sup>; a segunda, o romance *O livro de Henrique*<sup>14</sup>.

### 3.1 ANÁLISE DA REFERENCIAÇÃO INTERTEXTUAL NA SÉRIE LOST

A série *Lost* narra a saga dos sobreviventes de um acidente de avião (partindo da Austrália para os Estados Unidos) que foram parar numa ilha deserta do Pacífico. Lá, além de aprenderem a viver em condições precárias, eles têm de lidar com alguns mistérios e perigos.

A série focaliza a ação de 14 personagens na ilha. Com o passar dos episódios, o interlocutor vai se familiarizando com eles, reconhecendo qual o papel de cada um na trama. Na narrativa, além do enredo que se desenrola na ilha, a cada episódio são mostrados *flashbacks* de um personagem. Normalmente, esses *flashbacks* esclarecem algum dado sobre o personagem focalizado, importante para a compreensão de suas ações no presente, na ilha.

A narração, portanto, acontece em dois planos: no presente, mostram-se as desventuras dos personagens na ilha, e os mistérios e apuros por que passam no local fazem o enredo progredir; no passado, em cada episódio, mostra-se como era a vida de um determinado personagem antes do acidente. Nos primeiros episódios, os *flashbacks* procuram explicar por que motivo cada personagem se encontrava no avião que caiu.

O interlocutor que entra em contato com a série na forma como foi exibida originalmente assiste a um episódio por semana, com duração aproximada de 42 minutos. Trata-se, portanto, de um *megatexto* (composto por vários textos “solidários”) que se materializa em uma situação de interação pensada inicialmente como interrupta. Embora cada episódio seja, até certo ponto, uma história fechada, pois apresenta um conflito vivido por um dos personagens que tende a se resolver (ainda que parcialmente) no próprio episódio, o desenvolvimento geral da trama permite a continuidade entre os episódios.

---

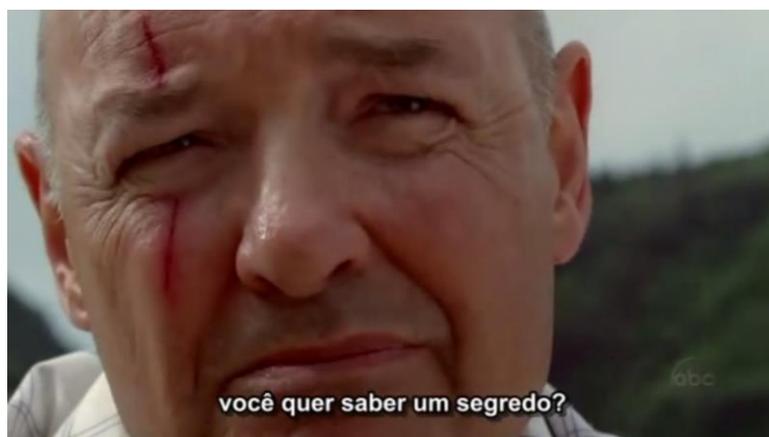
<sup>13</sup> Série de TV criada por J. J. Abrams e Damon Lindelof e exibida, no Brasil, de 2005 a 2010, pelo canal AXN.

<sup>14</sup> MANTEL, Hilary. *O livro de Henrique*. Tradução Heloísa Mourão. Rio de Janeiro: Record, 2013.

O trabalho de compreensão do interlocutor deve dar conta da construção de diversos referentes: todos os personagens, o cenário da ilha, o suposto “monstro” que anda pela floresta, os antagonistas que surgem ao longo da trama, os personagens que aparecem nos *flashbacks* etc. Em virtude da impossibilidade de propor uma descrição detalhada de todos esses elementos, promovemos, neste trabalho, a análise de um acontecimento importante envolvendo um dos protagonistas – o personagem John Locke.

No episódio 2 da primeira temporada, uma das cenas mostra John Locke conversando com o garoto Walt. Esse diálogo é concluído com uma pergunta que Locke faz a Walt:

**Figura 1:** Locke faz uma pergunta a Walt.



A pergunta de Locke inaugura um objeto de discurso na trama: “um segredo”. O interlocutor não sabe, nesse momento, o que seria, exatamente, esse segredo. No episódio 3, há um diálogo entre Walt e seu pai (Michael), que falam sobre a conversa que o garoto teve com Locke. A seguir, transcrevemos uma parte do diálogo entre os dois.

**(5) Episódio 3**

[...]

**Michael:** É? E o que ele [Senhor Locke] disse?

**Walt:** Eu não sei.

**Michael:** Como assim você não sabe? O que ele disse?

**Walt:** Uma parte disso é segredo.

[...]

**Michael:** Então, qual é o segredo?

**Walt:** O senhor Locke disse que um milagre aconteceu aqui.

**Michael:** É, bem, um milagre aconteceu com todos nós. Nós sobrevivemos ao desastre do avião.

**Figura 2:** Walt conversa com seu pai sobre John Locke.



A partir dessa cena, o interlocutor transforma o referente iniciado no episódio anterior: o segredo de que Locke fala é, na verdade, um milagre. Para o pai de Walt, o milagre consiste no fato de eles terem sobrevivido ao acidente de avião (e, nesse caso, a expressão “um milagre”, ao mesmo tempo em que é anáfora direta de “um segredo”, é um encapsulamento para o conteúdo “Nós sobrevivemos ao desastre do avião”). A retomada aqui descrita, por si, já é suficiente para demonstrar que, de fato, existe uma estratégia anafórica a qual se manifesta na “ligação” entre textos, e tal estratégia só pode ser efetivamente descrita se tomarmos como material de análise a situação de interação aqui focalizada.

Ocorre que o referente em análise ainda não está “completamente” formulado, em virtude de ele passar, no quarto episódio, por uma grande transformação. Nesse episódio, o espectador entra em contato com a vida pregressa de Locke, antes da ilha, por meio dos *flashbacks* sobre o personagem. No último *flashback*, o personagem aparece tal como se vê na figura 3:

**Figura 3:** Locke usa uma cadeira de rodas.



Nesse momento, o interlocutor descobre que, antes de chegar à ilha, Locke era paralítico. O milagre, portanto, não se refere à sobrevivência dos personagens, mas à cura de um personagem específico. Trata-se de um referente que teve sua construção “orquestrada”<sup>15</sup> durante três episódios, de modo que a compreensão sobre esse objeto de discurso (e, conseqüentemente, sobre o personagem) só se efetiva no plano da relação entre textos, e não apenas no texto que equivale ao episódio 4.

A nosso ver, o fenômeno da referenciação intertextual ocorre, nesse caso, por motivações diferentes das definidas por Costa (2007) para os casos percebidos na lista de discussão. Antes, porém, de discutir sobre essas diferenças, apresentamos a outra análise a que nos propomos.

### **3.2 ANÁLISE DA REFERENCIAÇÃO INTERTEXTUAL NO ROMANCE O LIVRO DE HENRIQUE**

*O livro de Henrique* consiste no segundo volume de uma trilogia (ainda por finalizar) que narra o período do reinado de Henrique VIII na Inglaterra. A narrativa toma como ponto de vista a perspectiva de Thomas Cromwell, inglês de origem plebeia que se transformou em um dos principais ministros de Henrique, sendo considerado um dos principais responsáveis pelo rompimento da Inglaterra com a Igreja Católica.

A seguir, apresentamos os dois primeiros parágrafos do romance:

(6) Suas filhas caem do céu. Ele observa, montado no cavalo, a imensidão dos campos da Inglaterra às suas costas; elas arremetem para baixo, as asas douradas ao sol, ambas com o olhar sedento de sangue. Grace Cromwell paira no ar rarefeito. Agarra sua presa em silêncio e, igualmente em silêncio, plana até pousar de volta no punho dele. Mas os sons que ela faz ao retornar, o crocitar e o roçar de plumas, o rufar das asas, os pequenos estalidos emitidos com a garganta, são todos sons de reconhecimento, íntimos, filiais, quase queixosos. Seu peito está manchado de sangue e há carne presa às suas garras.

Mais tarde, Henrique dirá, “Suas meninas voaram bem hoje”. O falcão Anne Cromwell saltita na luva de Rafe Sadler, que cavalga ao lado do rei, ambos entretidos em uma conversa amena. Estão cansados; o sol declina, e eles retornam a Wolf Hall com as rédeas folgadas sobre os pescoços das montarias. Amanhã, sua esposa e suas duas irmãs voarão. Aquelas mulheres mortas, seus ossos há muito enterrados no barro de Londres, estão agora transmigradas. Desprovidas de peso, elas deslizam pelas correntes de vento lá no alto. Não se

---

<sup>15</sup> Entendemos que a referenciação pode ser investigada como um processo composto por fases que revelam o acréscimo de traços de significação. Sugerimos a leitura de Custódio Filho (2011; 2014) para a compreensão sobre essa forma de analisar a construção referencial e sobre o procedimento metodológico envolvido em tal análise.

apiedam de ninguém. Levam uma vida simples. Quando baixam o olhar, nada veem além de sua presa e das plumas emprestadas dos caçadores: veem um universo em fuga, acuado, um universo que é o seu jantar.  
(MANTEL, Hilary. *O livro de Henrique*. Tradução Heloísa Mourão. Rio de Janeiro: Record, 2013: 19.)

As expressões destacadas equivalem a falcões fêmeas pertencentes a Thomas Cromwell. As aves recebem os nomes de familiares de Cromwell – a esposa, as duas filhas e as duas irmãs. O leitor é informado de que todas elas morreram.

A morte das personagens é uma parte importante do volume 1 da série – *Wolf Hall*. Todas sucumbiram à peste negra que assolou a Europa na Idade Média. Estar a par dessa parte da saga permite ao leitor formular hipóteses mais consistentes sobre por que Cromwell deu a suas aves os nomes de mulheres amadas – uma possibilidade é fazer que elas, “transmigradas”, sejam fortes e dominem o mundo ao seu redor, vencendo, assim, a morte.

Temos aqui, mais uma vez, um exemplo de relação anafórica intertextual: referentes do volume 1 (e não apenas os destacados para análise) retornam no volume 2, e a compreensão da história demanda reconhecer esse fio de continuidade. O que torna esse exemplo relevante é o fato de que, diferentemente da análise anterior, não há, aqui, propriamente, uma retomada intertextual.

Na análise dos episódios de *Lost*, o “segredo” que aparece no episódio 2 retorna como “milagre” no episódio 3 e como “cura” no episódio 4; o referente, nesse caso, é o mesmo. N’*O livro de Henrique*, não há a retomada de um mesmo referente de um livro para outro. A transmigração de que fala o narrador (revelando a perspectiva de Cromwell) não significa uma relação de identidade fidedigna entre as personagens que morreram e as aves; trata-se, outrossim, de uma associação. Isso nos mostra que, da mesma forma que as relações anafóricas intratextuais revelam retomadas (por meio de anáforas diretas), associações (por meio de anáforas indiretas) e rotulações (por meio de encapsulamentos)<sup>16</sup>, também as relações anafóricas intertextuais podem manifestar os mesmos expedientes.

Creemos que, a partir das análises, é possível atestar a pertinência de se reconhecer a estratégia de anáfora intertextual como um fenômeno relevante na construção da coerência por meio da ativação de estratégias de referenciação. Pelos mesmos motivos que alega Costa (2007), os exemplos aqui consistem de procedimentos insólitos – porque não são tratados nas propostas teóricas

---

<sup>16</sup> Para uma classificação das expressões referenciais, consultar Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) e Cavalcante (2011).

predominantes – e corriqueiros – o que atesta a necessidade de serem devidamente investigados.

Resta, porém, acrescentar que as motivações demonstradas por Costa (2007) para a ocorrência de encapsulamentos intertextuais na lista de discussão não são, a nosso ver, responsáveis pelas anáforas intertextuais nas narrativas com episódios. No que toca à lista de discussão, os fatores preponderantes para a ocorrência do fenômeno, segundo Costa, seriam:

- a saliência tópica, explícita no espaço reservado ao “assunto” do e-mail, que “subordina” todas as mensagens e, de certa forma, fortalece o vínculo entre elas, que aparecem em estreita proximidade física e conceitual<sup>17</sup>;
- o frame do gênero lista de discussão, que tem como característica marcante a expectativa de réplica, o que demanda que os participantes remetam aos objetos de discurso relevantes nas mensagens anteriores.

Nas narrativas com episódios, não entram no jogo nem a proximidade entre os textos decorrente da saliência tópica – já que a interrupção entre um episódio e outro ou entre um volume e outro define um intervalo de tempo que dificulta a percepção dos exemplares como fisicamente próximos – nem a expectativa de réplica – já que a possibilidade de construir as cadeias referenciais está nas mãos, apenas, dos sujeitos responsáveis pelo desenvolvimento da narrativa. O que ocorre, nesses casos, é uma demanda de continuidade inerente à construção da trama narrativa. Entendida como uma sequência de ações desencadeadoras de um conflito, a unidade do fio narrativo depende, entre outras coisas, da manutenção de referentes: personagens, cenários, valores, situações... Nisso reside a motivação para a referenciação intertextual.

Importa salientar que, qualquer que seja a motivação, o fenômeno ocorre devido, principalmente, a uma relação de solidariedade entre os textos. Isso é importante na medida em que essa característica nos permite perceber a singularidade das ocorrências, não apenas na esfera dos processos referenciais, mas, também, na esfera dos processos intertextuais propriamente ditos. Passemos, então, à discussão sobre como o fenômeno apresenta especificidade em relação às categorias de análise dos estudos sobre intertextualidade em sentido estrito.

---

<sup>17</sup> A proximidade entre os textos é acentuada de tal forma que possibilita a reflexão de Costa (2007) sobre os limites da materialidade textual. A autora questiona se cada mensagem subordinada a um mesmo tópico é, de fato, um texto, ou se o conjunto das mensagens é que deve ser considerado como a unidade básica de comunicação.

#### 4. SEMELHANÇAS ENTRE A REFERENCIAÇÃO INTERTEXTUAL E A INTERTEXTUALIDADE POR REFERÊNCIA: ESTABELECENDO A DISTINÇÃO

Ao longo deste artigo, vimos insistindo em salientar a singularidade da referenciação intertextual, como forma de atestar a necessidade de os pesquisadores em Linguística Textual se disporem a enveredar por propostas investigativas diferentes do *mainstream*. Ocorre que o fenômeno por nós descrito poderia ser considerado como já apreciado nos estudos sobre intertextualidade. De fato, uma das categorias de intertextualidade é, exatamente, a de referência.

Essa categoria, proposta por Piègay-Gros (*apud* KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007), corresponde aos casos em que há, conforme dizem Koch, Bentes e Cavalcante (2007: 124-125), “uma remissão explícita a personagens ou a entidades outras presentes num dado texto”. As ocorrências destacadas em (7) e (8), a seguir, são exemplos de intertextualidade por referência:

(7) Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto  
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto  
É que Narciso acha feio o que não é espelho  
(VELOSO, Caetano. *Sampa.*)

(8) Para gostar mais de você é preciso desenvolver também a capacidade de se doar, de prestar serviços úteis ao próximo, à comunidade, sem interesse financeiro. Pratique a generosidade e verá que o universo vai lhe devolver isso com juros. Não queremos dizer que você não deva valorizar o seu trabalho. Mas procure ser uma Robin Hood, cobrando mais dos ricos e ajudando os necessitados.  
(RIBEIRO, Lair. *Aprenda a gostar mais de você.*)

Os textos apresentam personagens amplamente conhecidos (Narciso e Robin Hood), os quais são conhecidos a partir dos textos em que aparecem. Tem-se, então, uma intertextualidade por referência, que difere de outras categorias como a citação e a alusão<sup>18</sup>.

Em (7) e (8), há, portanto, uma relação intertextual erigida em torno de objetos de discurso – os personagens amplamente conhecidos. Parece-nos fácil perceber que esse fenômeno não se efetiva nos mesmos moldes do que mostramos para a referenciação intertextual. Vejamos.

A referenciação intertextual pressupõe a ação de construção de um objeto de discurso que se inicia em um texto e continua em outro(s). Há um “trajeto” que

---

<sup>18</sup> Sobre a classificação das estratégias de intertextualidade, consultar Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Cavalcante e Brito (2014) e Nobre (2014).

demanda a transformação do referente, a qual, no caso das narrativas com episódios, atende ao projeto de dizer do enunciador. Nos exemplos (7) e (8), não se pode dizer que os objetos “Narciso” e “Robin Hood” passam por transformações ao figurarem nos textos de Caetano Veloso e Lair Ribeiro (até porque os objetos não são usados por um mesmo enunciador que os concebe como construções dinâmicas que evoluem com o avançar da trama). A presença desses referentes, nesses textos, carrega uma função mais estilística (com certo grau de argumentação) do que “coesiva” (entendendo-se esse termo como construção de uma cadeia referencial dinâmica).

Outro motivo que assinala a diferença reside na “obrigatoriedade” de ocorrência da relação intertextual. Para nós, a referenciação intertextual equivale a uma “intertextualidade de continuidade”. O que torna essa estratégia particular, em relação aos casos de intertextualidade normalmente observados, é o fato de a retomada ser amplamente esperada, ou, mais ainda, absolutamente necessária.

A Machado de Assis é facultado, em sua produção literária, fazer ou não remissões à mitologia grega ou ao universo shakespeariano, por meio de citação, alusão ou referência, para parafrasear ou parodiar<sup>19</sup>. Da mesma forma, ao enunciador das propagandas do Bombril as diversas manifestações intertextuais representadas por seu principal garoto-propaganda também são um entre outros recursos. No universo das séries ficcionais (impressas ou audiovisuais), a retomada intertextual é um imperativo, essencial para a configuração dessas práticas discursivas. Temos, sim, um fenômeno intertextual, mas em um plano distinto do habitual, para o qual devemos começar a prestar atenção.

Creemos que, com isso, reforçamos as peculiaridades da referenciação intertextual, o que nos leva a constatar que a investigação da natureza textual-discursiva dos usos linguísticos é um caminho que ainda pode render muitos frutos. Isso nos permite reconhecer a enorme produtividade que a LT pode assumir no campo das investigações linguísticas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos que este artigo apresenta uma contribuição mais localizada e uma contribuição mais global. A contribuição mais localizada diz respeito à descrição

---

<sup>19</sup> Sobre os efeitos parafrásticos ou parodísticos da intertextualidade, consultar Sant’Anna (2007) e Nobre (2014).

da estratégia de referenciação intertextual. Essa estratégia revela que a construção de objetos de discurso – a qual passa obrigatoriamente pelo processo dinâmico de apresentação e transformação dos referentes – pode ocorrer numa esfera não circunscrita a uma única materialidade textual. As relações referenciais (retomadas, associações e rotulações) são extremamente fundamentais para a construção da coerência, de modo que, em nome de tal prevalência, tem ficado cada vez mais evidente que o fenômeno se reveste de uma complexidade que garante a sua manifestação em diferentes dimensões.

A contribuição mais global corresponde à sinalização sobre a necessidade de os pesquisadores ultrapassarem os limites de análise usualmente autoimpostos. Em nosso caso, a reflexão sobre uma forma diferente de manifestação da referenciação só foi possível porque voltamos a atenção para textos cujo processo de interação se efetiva em outra esfera, no que concerne às formas de interação dos sujeitos com os textos. Tratar das outras esferas pode levar os pesquisadores em LT a reanalisarem seus achados, a fim de levar a cabo, de forma consistente, o paradigma sociocognitivo, pragmático e discursivo que alimenta essa prática científica.

Os usos, linguísticos e sociais, estão aí. Cabe a nós termos disposição suficiente para desvendá-los e, assim, desvendar o que faz de nós seres em busca dos sentidos.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse*. Viena: Universidade de Viena, 1997. Disponível em: [http://www.beaugrande.com/new\\_foundations\\_for\\_a\\_science.htm](http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm). Acesso em 25 jun. 2015.
2. BRITO, M. A. P. *Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência*. 213 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
3. CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
4. CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

5. CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Intertextos. In: RODRIGUES, M. G. S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. *Linguística Textual e ensino de língua portuguesa*. Natal: EDUFRN, 2014.
6. COSTA, Maria H. A. *Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão*. 214p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
7. COSTA VAL, M. G. Repensando a textualidade. In: AZEVEDO, José Carlos. *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2001.
8. CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 329p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
9. \_\_\_\_\_. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. *Linguagem em (Dis)Curso*. Tubarão, v. 12, n. 3, 2012.
10. \_\_\_\_\_. Análise da referenciação por meio de traços de significação. In: FIGUEIREDO, M. F. *Textos: sentidos, leituras e circulação*. Franca, SP: Unifran, 2014.
11. CUSTÓDIO FILHO, V.; SILVA, F. O. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.
12. HANKS, William F. Texto e textualidade. Tradução Marco Antônio Rosa Machado. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
13. KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
14. KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
15. LEITE, R. L. *Metaforização textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto*. 212p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
16. LIMA, S. M. C. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 204p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

17. MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
18. NOBRE, K. C. *Critérios classificatórios para processos intertextuais*. 127 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
19. SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase & CIA*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
20. SILVA, F. O. *Formas e funções das introduções referenciais*. 127p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

**ABSTRACT:** As a theoretical field which intends to provide explanation concerning the production and comprehension of texts by subjects, Text Linguistics has maintained the “habit” of, from a specific and limited set of interactional situations, stablishing consensus that should be valid for all and any interaction. When we talk about textual-discursive strategies, the genres normally analyzed consist of short texts (news, articles, jokes etc.), which are read/listened without interruption. Assumptions that arise from such experiences would be generalized to other situations. Nevertheless, we think that, if we decide to investigate interactional situations different from the usual ones, it will be possible to find other textual-discursive manifestations, not yet analyzed by the more conventional studies. With this in mind, we discuss, in this paper, the influence of the configuration of narrative texts that demand a reading/listening experience with interruption in the manifestation of referentiation strategies not yet adequately described. We detach the emergency of intertextual referentiation (i. e., an anaphoric relation that occurs between distinct texts) as a constitutive element of such practices. For doing so, we present the description of reference construction in episodes of a tv series and in volumes of a literary series. With this work, besides the contribution to the studies in referentiation, we intend, also, to discuss the classification of intertextuality strategies, in order to stablish an intertextual function (the inherently anaphoric nature of an intertextual process) not fully discussed in the reflections in the field.

**Keywords:** Referenciation; Anaphor; Intertextuality.

Recebido no dia 25 de junho de 2015.

Aceito para publicação no dia 11 de agosto de 2015.